"SÃO CÃES MUDOS, INCAPAZES DE LATIR" (Is 56,10). UMA REFLEXÃO SOBRE A PROFECIA NA IGREJA À LUZ DO PENSAMENTO DO PAPA FRANCISCO E DE JOSÉ COMBLIN

Anderson Frezzato*

Resumo

A Sagrada Escritura valoriza o carisma profético no meio do Povo de Deus. Pelo menos metade da Sagrada Escritura é dedicada ao protagonismo da palavra de Deus transmitida pelos Profetas. Estes denunciavam as práticas contra a vida, sobretudo aquelas oriundas da quebra da Aliança como também a grandeza da fidelidade a Deus. Jesus é o Profeta do Novo Testamento. Por palavras e obras, Jesus anunciou a vida e denunciou, condenando, as práticas de morte. A ação profética de Jesus deve ser ação de toda Igreja, uma vez que sendo comunidade de fé, é discípula de Jesus e não pode ter outra postura senão anunciar e promover, corajosamente, a vida. Propomos, neste trabalho, refletir a importância da profecia como discurso e atuação dentro de um contexto eclesial pouco comprometido com o tema. Calados, pastores e grande parte de leigos e leigas deixam transparecer certa indiferença em relação à condição tão degradante em que vive o Povo de Deus. Silêncio este que denota um vazio espiritual, falta de entendimento do Evangelho e o que é mais triste, uma indiferença para com o outro. Para a realização deste trabalho, propomos apontar o Papa Francisco e o teólogo José Comblin como profetas que provocam o mutismo profético atual.

Palavras-chave: Profecia. Papa Francisco. José Comblin.

Introdução

O Papa Francisco pediu para que todos os cristãos e cristãs assumam sua vocação de profetas dentro e fora da Igreja. Para o Pontífice, essa será sempre uma necessidade da Igreja, ainda mais nestes tempos de grande confusão social e de abalos das estruturas institucionais de nosso país e da Igreja. O profeta não é um juiz ou um recriminador, mas uma pessoa da esperança (FRANCISCO, 2008). A partir desses pressupostos, o objetivo desta comunicação é propor uma reflexão sobre a importância da profecia na Igreja e, ao mesmo tempo, mostrar a presença de um certo mutismo frente às necessidades de denúncia e provocação aos sistemas geradores de morte presentes na realidade brasileira.

Utilizaremos de vários acenos ao pensamento do Papa Francisco e de José Comblin para solidificar nosso escopo teórico, além de propô-los como personagens proféticos da

* Doutorando em Teologia pelo Programa de Pós-graduados em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Teologia pela PUC-SP. Membro do Grupo de Pesquisa José Comblin – PUC-SP. E-mail: afrezzato@gmail.com. ID Lattes: http://lattes.cnpq.br/1742743750209663.

Igreja para o tempo presente. Para tanto, dividimos esta exposição em duas partes: na primeira parte, mais conceitual, são mostradas, à luz da Sagrada Escritura, as principais características do profetismo e sua importância para a Igreja do passado. Na segunda parte, analisamos como está sendo vivido dentro e fora da Igreja o espírito profético, propondo a pessoa do Papa Francisco e de José Comblin como modelos de personagens proféticos para a Igreja atualmente.

1. A voz profética nas Sagradas Escrituras e na Igreja do passado

Em sua obra *A profecia na Igreja,* Comblin afirma que o profetismo e os profetas sempre serão uma "referência permanente ao Povo de Deus" (COMBLIN, 2008, p. 31). Os profetas sempre falaram em nome de Deus e colaboram na formação do Povo de Deus, especialmente chamando a atenção para o dever de todos à fidelidade às Alianças com YHWH e à responsabilização frente à construção da identidade nacional dos israelitas. Para além do chamado à fidelidade à Aliança e à construção do espírito nacionalista como fenômeno cultural-religioso, Comblin acentua que o lugar de maior incidência da palavra profética de Deus está relacionado à denúncia das injustiças, especialmente as praticadas contra o pobre. Denunciar a presença das injustiças na sociedade e nas estruturas religiosas praticadas especialmente pelas lideranças sociais e religiosas, respectivamente, não deixa de ser ao mesmo tempo uma convocação, uma exigência e uma atitude espiritual (BRIGHT, 2014, p. 348).

Os profetas "são pessoas que expressam a exigência da justiça de Deus" (COMBLIN, 2008, p. 33). A atuação dos profetas supera a esfera religiosa, abarcando também os mais diversos contextos sociais. Muitos deles conseguiram ter uma projeção social muito maior que alguns reis de Judá, como é o caso de Isaías e Miqueias, que viram de longe a aproximação da Assíria e as iminentes consequências nefastas das relações entre o Estado do norte e os assírios. A sensibilidade do profetismo e, por conseguinte de todos os profetas, está justamente em fazer uma relação entre a vida social e a vida espiritual. Não somente se ocupa desta última, voltando tão somente o coração a Deus e à sua palavra, esquecendo-se da pessoa enquanto lugar da manifestação de Deus. A palavra profética exige de todos a prática da justiça, sem distinções e sem concessões (Cf. COMBLIN, 2008, p. 33)

Comblin alude que ninguém espera pelos profetas. Eles são enviados com mandato de Deus tantas vezes contra sua vontade pessoal, como encontra-se relatado na vida de Jeremias (Cf. Jr 1,410) e Amós (Cf. 7,14-15). Não são esperados pelo fato de incomodar tanto o povo quanto aos chefes do povo porque contestam a ordem estabelecida. Falam daquilo que são inspirados, não são chamados a falar por si mesmos. A voz dos profetas é um instrumento para a palavra comunicativa de Deus. Palavra de Deus transmitida pelos profetas é preenchida com a história de vida e a percepção do próprio profeta, seja qual for o período histórico, seja no passado ou no presente. A percepção contextualizada do profeta dá vida e ação à Palavra de Deus e a torna, senão compreensível e aceita por quem ouve, quiçá, constrangedora. Por exemplo, Amós, que aparece no final do período da existência do Reino do norte (732-722), constrange os ricos que estavam comprando as terras dos mais pobres que estavam endividados por causa da cobrança dos caros impostos (Cf. Os 4,1). Os pobres, ao não terem sua terra, ficavam, por consequência, sem condições de subsistência (SMITH, 2006, p. 92). O profeta, assim, não espera sua aceitação pessoal, mas a Palavra evocadora de justiça de Deus.

> Todas as sentinelas estão cegas, nada percebem; todas elas são uns cães mudos, incapazes de latir; vivem a resfolegar folgados, gostam de dormir. Os cães são vorazes: desconhecem a saciedade; são pastores incapazes de compreender. Todos seguem seu próprio caminho: cada um deles, até o último, volta-se para o seu interesse (Is 56,10).

Este trecho retirado do livro do profeta Isaías, mais precisamente da terceira parte do escrito, pertence à época da volta do exílio na Babilônia. É possível perceber na narrativa a existência de uma crítica contundente a respeito da inércia e indiferença das autoridades civis e religiosas do Povo de Israel. Comblin escreve que Isaías critica fortemente a falta de atitude das autoridades religiosas e civis frente às grandes necessidades do povo. Não causa estranheza nenhuma que Isaías coloque na matilha muda as autoridades religiosas. A criticidade versa sobre uma postura que nenhum profeta suporta: o silêncio e a indiferença frente às situações de morte. Isaías critica os sacrifícios espirituais vazios e chama a atenção para a prática da justiça, especialmente frente o órfão e à defesa da viúva (Cf. Is 1,11-17). O silêncio é o oposto à Palavra profética e tal postura é abominável perante a necessidade da prática da justiça. O teólogo belga assegura que a palavra de Deus transmitida pela voz do

profeta sempre é para defender o povo: "se fala ao rei, é para defender o povo; se condena o sacerdote é porque esse explora o povo" (Cf. COMBLIN, 2008, p. 45).

O próprio João Batista, já no Novo Testamento, questionado pelas autoridades religiosas a respeito de quem era, disse ser a "voz que clama no deserto" (Jo 1,23). Trata-se de uma aplicação das palavras do profeta Isaías encontradas no capítulo 45,1-5, quando Deus pede a Isaías que fale alto e anuncie o tempo vindouro de consolação a Israel depois da libertação do cativeiro. Todo profeta sabe é um instrumento e sua voz é a mediação pela qual a palavra de Deus é transmitida. A autenticidade da vida dos profetas está no seu compromisso com Deus e no interesse pela vida do próximo, mas isso, de boca aberta. O verdadeiro profeta é desinteressado e sua voz imbuída da Palavra de Deus, lhe custa muito caro, como o advento de perseguição, rejeição e acusações (Cf. COMBLIM, 2008, p. 45).

Escreve bem o autor da Carta aos Hebreus ao afirmar que Deus falou por meio dos profetas e que no tempo da graça e da vida, falou através de seu Filho (Cf. Hb 1,1-5). Sabe-se que Jesus é o Logos, a Palavra, fora de nossa história, mas sempre existente. No entanto, a Palavra, depois da Encarnação, não deixou de ser Logos, porém humildemente se tornou voz. Voz de quem? Certamente, a voz do Pai. Jesus é, ao mesmo tempo, Palavra e Voz. Palavra, definida ontologicamente pelo que é; Voz, enquanto realização da missão de falar em nome do Pai e por isso profeta. No capítulo 5 do Evangelho de João, Jesus diz duas vezes que sua voz será ouvida por aqueles que repousavam mortos na incredulidade; e no capítulo 12 do mesmo evangelista, Jesus afirma que tudo o que falou, ouviu de seu Pai (Cf, 12,49). De todo modo, sejam os profetas antigos, João Batista ou Jesus, todos falaram, comunicaram as palavras proféticas de Deus através de sua voz. Certos disso, é que a comunidade dos seguidores de Jesus, isto é a Igreja, ao participar da missão de Jesus, inevitavelmente, precisa ter voz profética, especialmente, na sociedade, denunciando as injustiças.

Na Igreja, a profecia é comunicada pelo Espírito Santo. Depois de Pentecostes, o Espírito Santo é quem garante a vivacidade da voz do profeta comunicando o conteúdo da profecia. Sem a ação do Espírito Santo, não há profecia na Igreja. É a ação do Espírito que não deixa a Igreja acomodar-se frente às ações contra a dignidade da vida. Na Igreja primitiva, muitas pessoas, como Tertuliano (160-220) e Orígenes (185-253), profeticamente denunciavam a distância da vida com a prática do Evangelho, convidando a comunidade de fé a voltar às suas origens. No decorrer da história, personagens como João Crisóstomo (347-

407), São Basílio (329-379), Gregório Nazianzeno (329-389), Francisco de Assis (1181-1226), Bartolomeu de las Casas (1484-1566), Oscar Romero (1917-1980), Hélder Câmara (1909-1999), Pedro Casaldaliga (1928-2020), mantiveram o espírito da profecia calcado no Evangelho bem vivo e operante.

Todas essas pessoas e outras foram profetas que conheciam muito bem a situação contextual em que se encontravam. Deixaram ser interpelados pela realidade, de modo a iluminá-la pelo Evangelho. Comblin assegura que esses profetas foram capazes de ler os sinais dos tempos e conseguiram cada qual "mostrar onde está a justiça e a injustiça, onde estão os pobres e o que estão clamando" (COMBLIN, 2008, p. 255). Por certo, nenhum profeta consegue uma conversão completa de seu tempo, isso é até impossível porque a voz de um profeta sempre ressoa num determinado período e numa determinada circunstância. Justamente esse fato, sempre haverá necessidade de profetas, em todos os tempos e nas mais variadas circunstâncias (Cf. COMBLIN, 2008, p. 255).

2. Comblin e Francisco: uma provocação ao mutismo profético atual

À luz da missão profética da Igreja, cabe perguntar: Como está sendo, atualmente, desenvolvida a transmissão da palavra profética de Deus através da voz da Igreja? Para Comblin, o lugar privilegiado para a aplicação da voz da Igreja com cunho profético se dá em dois principais âmbitos: a sociedade, fortemente marcada pelos processos de globalização, e a Igreja, assaz institucionalizada. O processo globalizante das nações promovido pela corrida tecnológica aos poucos transformou o ser humano de usufruidor para consumidor. A nova civilização pleiteada pelos sistemas econômicos liberais exige a riqueza e, por consequência, o fortalecimento de grandes instituições. Sem sombra de dúvida, a comunidade de fé, especialmente representada institucionalmente pelo clero, não poucas vezes caiu na tentação da riqueza, do acúmulo e de se tornar, em comparação a outras instituições, consumidora (Cf. COMBLIN, 2008, p. 259).

A Igreja se tornou, mais explicitamente no terceiro milênio, uma consumidora. Entrou numa lógica nefasta de assegurar que sua pastoral necessita, inevitavelmente, de dinheiro. A ação evangelizadora tem se tornado cada vez mais cara e instrumentalizada. Existe uma dependência da ação pastoral para com o patrocínio dos recursos financeiros. Não se procura

mais imitar a ação evangelizadora de Jesus que não se interessou em angariar exclusivamente recursos financeiros para sua missão. Os recursos são importantes, não é possível negá-lo. Mas que tipo de relação o clero deve ter com o dinheiro? Comblin responde que jamais pode ser de dependência, pois numa relação de dependência nunca haverá profetismo. Para o teólogo belga a nova situação mundial é favorável à Igreja, especialmente para uma ampla parte dos eclesiásticos, que ainda estão sonhando com uma cristandade institucional rica, provida pelo Povo de Deus mais pobre (Cf. COMBLIN, 2008, p. 259).

Uma séria consequência da relação dependente da ação pastoral da Igreja com o capital está na criação de uma paralisação de ações, que gera a vida, acompanhada de um mutismo. Já se aludiu, aqui, que a antítese de profetismo, ou seja, a voz contundente da palavra profética de Deus, é o mutismo, o silêncio. Existe o silêncio quando deveria haver uma voz profética. Silêncio que é sinal de dependência e de submissão. Para Comblin, a globalização e as estruturas, sejam quais forem, não possuem poder absoluto pelo fato de ser dirigida por homens. O sistema excludente apenas funciona porque é dirigido por seres humanos. E é justamente por isso que a globalização e todo sistema de exclusão, mormente econômico neoliberal, podem ser desafiados (Cf. COMBLIN, 2008, p. 261). De encontro, em uma homilia proferida na Missa matutina, na Casa Santa Marta, Papa Francisco disse que todos, na comunidade de fé, necessitam despertar-se para a missão profética, quebrar o vício de dependência e colocar-se à disposição da verdade, mesmo que tenha que correr riscos (Cf. FRANCISCO, 2018).

Quem não quer correr riscos não abre a boca. Parece-nos que o clericalismo, além de tudo, cerra os lábios daqueles que no *Invitatório*, na oração oficial das Horas, pedem para o Senhor lhes abrir os lábios (Cf. LITURGIA DAS HORAS, *Invitatório*). Os profetas são aqueles que abrem a boca para anunciar e denunciar, sem medo algum, sem dependências. Um olhar aguçado da realidade nos faz perceber o quanto ainda a Igreja precisa assumir sua missão profética. São inúmeras as situações de degradação da vida humana na América Latina e no Caribe. Desde a chegada da pandemia da Covid-19 ao Brasil, poucas são as palavras proféticas que se levantaram pedindo a defesa da vida humana acima de tudo. É verdade que alguns pastores, em poucos momentos, mostraram algum conteúdo escrito através de notas públicas. No entanto, é possível pensar que para esses e para os outros, que nada fizeram, o papel substitua a vivacidade da voz e o silêncio substitua o protagonismo. Estão tomados

pela indiferença quando não, pelo medo. Dependência, medo e indiferença, os tornaram cães mudos (Cf. Is 56,10).

Por outro lado, a esperança faz perceber que tal situação desanimadora pode ser mudada por personagens livres, comprometidos com Deus e com seu Povo (Cf. FRANCISCO, 2018). Tornaram-se, pela sua sensibilidade, verdadeiros profetas para nosso tempo. José Comblin, através de sua habilidade de perceber os caminhos da Igreja e da Sociedade, anunciou sempre o Reino de Deus e denunciou as mazelas dos sistemas excludentes, promotores de miséria. Encontrou terreno fértil no Brasil, especialmente à luz da vida do homem e mulher nordestinos, tornando-se para eles e, por consequência, para a Igreja, no Brasil, uma voz esclarecida, na qual ressoava a palavra profética de Deus. Francisco, moldado pela sua vida de pastor próximos às ovelhas, tem se tornado cada vez mais profeta para nossos tempos, fazendo força para livrar a Igreja de um clericalismo silenciador. Os verdadeiros profetas foram poucos. No tempo de hoje, na Igreja, também nem todos são profetas. Comblin e Francisco fazem parte desses poucos profetas que podem ser localizados na história e que não silenciaram sua voz que feriu e fere as estruturas de dominação presentes dentro e fora da Igreja.

Comblin e Francisco são profetas que anunciam a chegada da força de Deus que visa revestir os fracos (COMBLIN, 2008, p. 264). Tanto um quanto o outro procuraram despertar a consciência das pessoas para que rompam com uma sociedade de privilegiados, para privilegiar os pobres. Ambos são, em especial o Papa Francisco, perseguidos por aqueles que se deixam manejar pelos privilégios e comodismos. Para Comblin, um profeta verdadeiro é perseguido. A perseguição é um sinal autêntico da profecia (Cf. COMBLIN, 2008, p. 265). Comblin sentiu na pele a perseguição oriunda de sua palavra profética, especialmente no tempo da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). Francisco certamente sente na pele a perseguição quando promove ações para construir uma Igreja mais livre e pobre, ao mesmo tempo em que denuncia a estrutura global de dominação e exclusão. Comblin é uma voz profética viva para todos nós, ao passo que Francisco é um profeta que vive no meio de nós; por isso são verdadeiramente uma provocação ao mutismo atual.

Conclusão

Os profetas são pessoas livres (COMBLIN, 2008, p. 286). No entanto, o contexto social e eclesial em que vivemos não é gerador de pessoas livres e conscientes. A percepção desse pressuposto não pode levar a comunidade de fé ao pessimismo, muito menos à paralisação frente às ações contra a vida, empenhada por governos totalitários e por um sistema econômico excludente. Os profetas são sempre inspirados por Deus e retiram dessa inspiração força e compromisso para anunciar o Reino e denunciar a exclusão social e a falta de respeito aos direitos, especialmente os dos mais pobres. As necessidades sociais sempre interpelaram os profetas que procuravam iluminar tal realidade através de sua fé e amizade com Deus (Cf. FRANCISCO, 2018).

O Papa Francisco e José Comblin, além de admitirem a importância da profecia da Igreja, eles são referências para o profetismo eclesial atualmente. Acovardados e poucos afeitos a se deixarem questionar pela realidade em que vivem, bispos, padres e uma boa parcela dos crentes estão mudos frente à situação em que vivemos. Falta comprometimento com a verdade e atitudes contundentes que possam testemunhar o compromisso com a pessoa de Jesus e com o Evangelho. Numa comunidade e sociedade de silenciados, a vida, obra, palavra e escritos do Papa Francisco e de José Comblin são verdadeiramente um alento.

Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1985.

BRIGHT, John. **História de Israel**. São Paulo: Paulus, 2014.

COMBLIN, José. **A profecia na Igreja**. São Paulo: Paulus, 2008.

FRANCISCO, Papa. **A Igreja precisa de profetas**. Homilias matutinas na Casa Santa Marta – 17 de abril de 2018. Disponível em: www.vatican.va/content/francesco/2018/documents/papa-francesco. Acesso em 01de junho de 2021.

SMITH, Mark S. **O memorial de Deus. História, memória e a experiência do divino no Antigo Israel**. São Paulo: Paulus, 2006.